

Quando o rio alaga a rua e o contrário, também!, por José Carneiro¹.

A Cia. da Tribo mantém suas atividades nos palcos paulistanos desde 1996 e, desde então, vem se embrenhando naquilo que considera uma teatralidade brasileira, em grande parte devido à pesquisa permanente de diferentes bonecos típicos das diversas regiões do país, além de mitos e crenças desses territórios. A Companhia, fundada por Milene Perez e Wanderley Piras, possui em seu vasto repertório, entre espetáculos ativos ou não, a colaboração com artistas parceiros que trazem experiências distintas a cada processo. Além disso, desde 2015, mantém um espaço que funciona como sede e centro cultural: A Casa da Ladeira, localizada na Vila Brasilina, bairro da Zona Sul na cidade de São Paulo.

Quanto ao espetáculo *Água Doce*, este se dedica a iluminar a questão dos rios como uma representação ancestral na organização e cosmologia dos povos originários, subjugada por uma cultura que os oblitera com asfaltos e estradas, levando a inundações e outros males. O texto, de autoria de Perez, agrega outras histórias disseminadas pelas tradições orais populares e se baseia em mitos como o de Yara e outros do repertório das comunidades ribeirinhas para abordar o assunto. Esses mitos são recontados diante das questões do grupo megapolitano e, por isso, se entrelaçam com os contos ribeirinhos, exibindo outras facetas da trágica relação entre ser humano e água, próprias da cidade de São Paulo.

O espetáculo conquista tanto crianças como adultos, algo perene nas intencionalidades da Companhia, que visa ampliar suas narrativas para diversos públicos. Apesar de traçar uma trajetória explícita em que a personagem Abaré (interpretada) por Piras, parte em busca da Pororoca para encontrar sua irmã Iara (Milene Perez), personificada pela figura de Oxum no contexto da obra, e com isso salvar sua tribo. O elenco composto, além do par fundador, por Alef Barros e Geovana de Oliveira, coreografa movimentos que evocam diferentes partes dos rios usando lonas de várias cores e texturas, desenhando partituras conjuntas como um corpo coletivo. Tais coreografias se integram a músicas e ambientações, alternando entre sons pré-gravados e sonoplastia própria dos elementos presentes na cena, como as próprias lonas, flechas e canos. Os cânticos dos atores na cena, executados com rigorosa qualidade, refletem a mesma precisão com a qual a Companhia se desdobra em múltiplas funções e personas.

Esses expedientes evidenciam a preocupação do coletivo com as questões concernentes à visualidade. As imagens criadas pelas cenas emergem como sínteses que

¹ Atua como artista cênico, audiovisual e professor. Graduado em Teatro pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e mestrando em Artes Cênicas pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), com orientação do professor/pesquisador Alexandre Mate. Mineiro, fundou com um pernambucano o grupo Teatro Taberna em Goiânia, hoje o coletivo se divide entre Goiás e São Paulo, alicerçado em referenciais brasileiros.

envolvem tanto o público como a dramaturgia. Daí o destaque para a brilhante e criativa confecção de bonecos e adereços usados na cena, realizada pelo artista plástico Adriano Castelo Branco, que emprega materiais reciclados. Desse modo, ele dá vida aos imaginários brasileiros por meio de personagens como Cabeça de Cuia, Cobra Grande, entre outros.

A apresentação ocorreu na Rua dos Esportes, em Heliópolis (comunidade de Zona Sul na cidade de São Paulo), uma rua estreita e movimentada, que gradualmente se encheu de crianças e adultos, em um dia de clima fechado e chuva iminente, embora essa chuva não tenha se materializado. O ambiente foi propício para um teatro que se vale das casualidades para seu navegar: o teatro de rua. A relação com o entorno foi fundamental; os atuantes não se esquivavam dos passantes ou até mesmo dos cachorros que trafegavam calmamente na pequena ladeira. Coisa de quem faz teatro de rua há muito tempo, e entende que as água, os rios, a chuva e a rua não se controlam.